

Vidigal vê sinais de recessão

por Walter Clemente
de São Paulo

A economia vai crescer 6% este ano, e, portanto, não há recessão no País. O prognóstico do ministro Delfim Netto, da Secretaria do Planejamento da Presidência da República, ontem, em São Paulo, foi considerado um tanto otimista pelo presidente Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho, da Federação das Indústrias

do Estado de São Paulo (FIESP). Indiscutível, porém: "Se crescer 6%, não há recessão", diz. "E os dados macroeconômicos do ministro eu não tenho."

O quadro recessivo que preocupa os dirigentes da FIESP, na verdade, está dimensionado pelo comportamento das vendas e pela queda do nível dos empregos, nos últimos meses. Os atingidos são a construção

civil, os bens de capital, a indústria automobilística e os fabricantes de eletrodomésticos.

"Estamos-nos baseando em dados estatísticos", argumenta o presidente Vidigal Filho. "Em alguns setores a recessão está bem configurada."

BIMESTRE

Na falta de valores gerais da economia que poderiam medir o comportamento da produção nacional, Vidigal Filho prefere, porém, não comentar o desempenho econômico do País. "É certo", como diz, "que o bimestre foi muito bom para os meios de pagamento, para a balança, que teve seu déficit reduzido, e para as reservas cambiais." Nem sempre, no entanto, uma boa situação financeira acompanha um desempenho econômico satisfatório.

Vidigal Filho limita-se, como ele mesmo realça, a alertar que os índices de emprego caem desde novembro e que as vendas são menores desde janeiro. E que nos setores industriais, onde as estatísticas revelam menor atividade, se quer a sazonalidade de mercados justifica os números. Como afirma, "para empregos não há equivalência sazonal nos últimos cinco anos, e as vendas são muito menores que o normal do início dos anos".

Delfim Netto e Vidigal Filho não se encontraram ontem. Os dois estiveram no Palácio dos Bandeirantes, com o governador. Mas em horários diferentes.

O ministro está convencido de que não há qualquer sintoma de recessão econômica e não admite sequer

que o desemprego esteja aumentando na indústria. "Houve variações mensais negativas", diz. "Mas é preciso considerar a variação estacional."

De acordo com Delfim Netto, certamente o nível de emprego não cresce como antes, porque o crescimento está condicionado pelo balanço de pagamentos. "O limite superior do crescimento é a taxa de formação de poupança", diz o ministro.

EMPREGO

Na indústria, contudo, é exatamente o nível de emprego que mais preocupa. "A queda está generaliza-

da", garante Vidigal Filho. Enquanto representantes regionais da Federação compilam dados significativos: na região de Campinas, por exemplo, 33% das empresas consultadas pelo Departamento de Coordenação dos Serviços Regionais (Decor) realizaram demissões nos últimos meses. Em São Carlos, o clima é de expectativa, segundo depoimento de Coriolano Ferraz Meirelles, delegado do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP). "Há demissões e medidas para contornar a crise, como férias coletivas ou antecipação de férias."